

OLARIAS NO GARB AL-ANDALUS

Gonçalo Lopes¹, Jacinta Bugalhão², Maria José Gonçalves³, Isabel Inácio⁴, Marco Liberato⁵, Susana Gómez⁵, Constança dos Santos⁷, Helena Catarino⁸, Sandra Cavaco⁹, Jaquelina Covaneiro¹⁰, Isabel Cristina Fernandes¹¹, Ana Sofia Gomes¹², Grupo de estudo sobre Cerâmica Islâmica do Ghab al-Andalus (CIGA), Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

RESUMO: Procura-se neste trabalho caracterizar as olarias do Garb al-Andalus a partir dos dados de intervenções arqueológicas, publicados até ao momento. Verifica-se uma distribuição quase exclusiva dos contextos oleiros a sul do rio Tejo e em meio urbano, embora esta perspectiva dependa essencialmente de trabalhos arqueológicos preventivos, podendo não corresponder à realidade.

As produções destas olarias são, na generalidade, similares às de outros pontos do al-Andalus sobretudo para o período compreendido entre o final do século XI e o início do século XIII.

PALAVRAS-CHAVE: Olarias; Garb al-Andalus; Sul; fornos; cerâmica.

ABSTRACT: *The aim of this work is to characterize the potteries of Garb al-Andalus based on data from archaeological interventions, published so far. There is an almost exclusive distribution of pottery contexts south of the Tagus River and in an urban environment, although this perspective depends essentially on preventive archaeology surveys that may not correspond to reality.*

The productions from these kilns are, in general, similar to others in al-Andalus, especially for the period between the late 11th century and early 13th century.

Keywords: Pottery workshops; Garb al-Andalus; South; kilns; ceramics.

INTRODUÇÃO

Apesar de nos últimos anos terem sido identificados vários contextos oleiros no espaço português anteriormente correspondente ao Garb al-Andalus, a sua localização é algo assimétrica e de modo algum reflecte a realidade. A maioria dos sítios com vestígios de olarias está concentrada no Sul, da

linha do Tejo para baixo, *grosso modo*. Esta assimetria nota-se ainda mais na discrepância entre os sítios urbanos e os rurais, estando estes últimos claramente em minoria (*Fig. 1*).

É de notar que a descoberta destes contextos decorre quase exclusivamente de intervenções preventivas, que dão uma visão parcial não só das unidades produtivas em si, como da sua dispersão pelo território.

Por outro lado, exceptuando o forno do Monte da Ramada 1, datado do período emiral, os restantes são já do período almorávida e um do período almóada, em Mértola, remetendo boa parte da produção para o final da ocupação islâmica no Garb.

As produções destas olarias seguem as características das restantes do al-Andalus, embora com algumas especificidades regionais, sobretudo ao nível formal. Na genera-

1 Arqueólogo, g.simoelopes@gmail.com
2 DGPC; UNIARQ | Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, jacintabugalhao@gmail.com
3 Município de Silves, maria.goncalves@cm-silves.pt
4 DGPC, isabelminacio@gmail.com
5 Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, marcoliberato@hotmail.com
6 Campo Arqueológico de Mértola | Universidade de Évora, sgm@uevora.pt
7 Arqueóloga, constancavs@gmail.com
8 Universidade de Coimbra, hcatarino@fl.uc.pt
9 Município de Tavira, scavaco@cm-tavira.pt
10 Município de Tavira, jcovaneiro@cm-tavira.pt
11 Museu Municipal de Palmela, isacrisff@gmail.com
12 DGPC, agomes@dgpc.pt

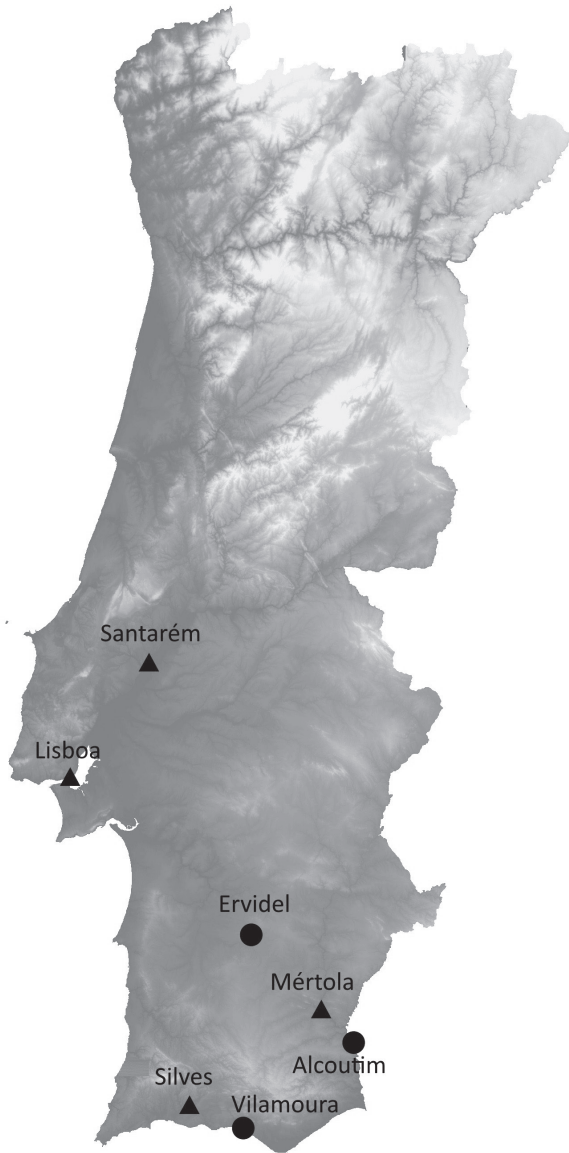


Figura 1: Localização das olarias no Garb al-Andalus.

lidade são empregues idênticos processos técnicos de fabrico, mesmo nos mais elaborados como os da *corda seca* (Santarém e Lisboa) ou do *verde e manganês*, detectado por arqueometria em Lisboa.

O tratamento arqueométrico, apesar de muito circunscrito, foi determinante para a confirmação de fabricos em Lisboa e em Santarém, estando por estabelecer, no entanto, a sua relação com as áreas periféricas destas cidades e, entre elas e as outras cidades onde ainda não está confirmada a produção oleira, como por exemplo Évora, Beja ou Faro.

SANTARÉM (Fig. 2)

No âmbito de uma intervenção de Arqueologia Preventiva, na Rua João Afonso, em Santarém, foi identificado um

depósito que preenchia uma estrutura negativa de planta rectangular. Devido aos condicionalismos determinados pela intervenção, foi recuperada apenas uma secção da mesma, com 80 x 50 cm, pelo que não foi possível determinar a sua função. Mais evidente se torna a caracterização do conjunto artefactual recuperado no seu interior, onde a presença de argila cozida, barras, trempes e fragmentos de cerâmica com claros sinais de exposição a altas temperaturas determina, claramente, a sua origem num despejo relacionado com o funcionamento de uma ou várias olarias.

Ficou assim comprovada a produção em Santarém de cerâmica vidrada a verde, mas também de *corda seca parcial* e *total*, interpretação que foi reforçada com análises arqueométricas, realizadas a partir de amostras desta última variante (Beltrame *et al* 2019: 915). Já as suas características morfológicas e ornamentais permitem pressupor um período de laboração em torno do século XII. Assim, a constatação de técnicas e opções ornamentais tipicamente islâmicas, na estrutura produtiva de Santarém, vem comprovar que a cidade, nos momentos que antecederam a conquista cristã, estava plenamente integrada no âmbito cultural meridional.

LISBOA (Fig. 3)

Entre os séculos XI e XII a *Madīnat Ushbūna* era constituída por vários núcleos urbanos distintos: alcáçova, medina e arrabaldes. Os contextos de produção oleira islâmica conhecidos permitem localizar as olarias essencialmente nos arrabaldes ribeirinhos (ocidental e oriental – Alfama), possivelmente devido às características poluentes da actividade e à proximidade com o rio e as estruturas portuárias, que facilitariam o abastecimento de matérias-primas e combustível, bem como o escoamento da produção. São conhecidos quatro contextos oleiros pelos quais se reparam sete fornos, duas entulheiras e uma área de despejos de olaria.

No Arrabalde Ocidental foram escavados dois sítios com contextos de produção oleira – o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (NARC) e o “Mandarim Chinês”.

No NARC foram identificados um forno de dupla câmara e uma entulheira e, recolhida abundante cerâmica de olaria, descontextualizada (Bugalhão, Gomes e Sousa 2004). O forno de planta rectangular foi construído em adobe e pedra, sendo a grelha sustentada por pilares (Bugalhão, Gomes e Sousa 2004: 130 e ss.). Os materiais cerâmicos foram datados da primeira metade do século XII.

No Mandarim Chinês foi identificado um compartimento de uma olaria, no qual se situavam quatro fornos (um de dupla câmara e três de barras) e uma área de laboração anexa, onde se recolheu abundante cerâmica de olaria (Bugalhão, Sousa e Gomes, 2004). O forno de dupla câmara, feito de adobe, conservava apenas a parte inferior e o respectivo corredor (Bugalhão, Sousa e Gomes 2004: 577-580). Da análise dos materiais aí exumados concluiu-se que este forno produzia cerâmica comum e pintada a branco, datável de meados do século XII. Junto a este foi identificado um conjunto de três fornos de barras, todos de planta circular, construídos em adobe, parte deles desactivados para construção do primeiro (Bugalhão, Sousa e Gomes 2004: 580-582). Estes fornos produziram cerâmica vidrada, conforme foi possível aferir pelos restos de vidrado aderente às barras, encontradas no seu interior. Não foi possível recolher elementos cerâmicos que permitissem uma atribuição cronológica directa, mas poderão remontar ao final do século XI/ primeira metade do século XII sendo, seguramente, anteriores ao forno de dupla câmara que os inutiliza.

No arrabalde Oriental (Alfama) foram identificados outros dois contextos oleiros, nos largos das Alcaçarias e do Chafariz de Dentro, com dois fornos e duas áreas de despejo de detritos relacionados com a actividade oleira. No Largo das Alcaçarias foram escavados dois fornos e uma possível entulheira (informações constantes em trabalho inédito de Manuel Leitão e Marco Calado, cuja cedência muito se agradece). O forno mais antigo, de dupla câmara, conservou-se apenas ao nível do pavimento da câmara de combustão, sendo visível o arranque de um arco de sustentação da grelha. O segundo forno, um pouco mais tardio, inutilizou o primeiro e conservava ambas as câmaras e o respectivo corredor de acesso. O estudo geomagnético efectuado sobre esta estrutura situou o fim da sua laboração no século XI (Gomez-Paccard *et al* 2014). Em área próxima foi escavado um depósito correspondente a uma possível entulheira, onde se recolheu cerâmica vidrada, principalmente melada, de cronologia também almorávida.

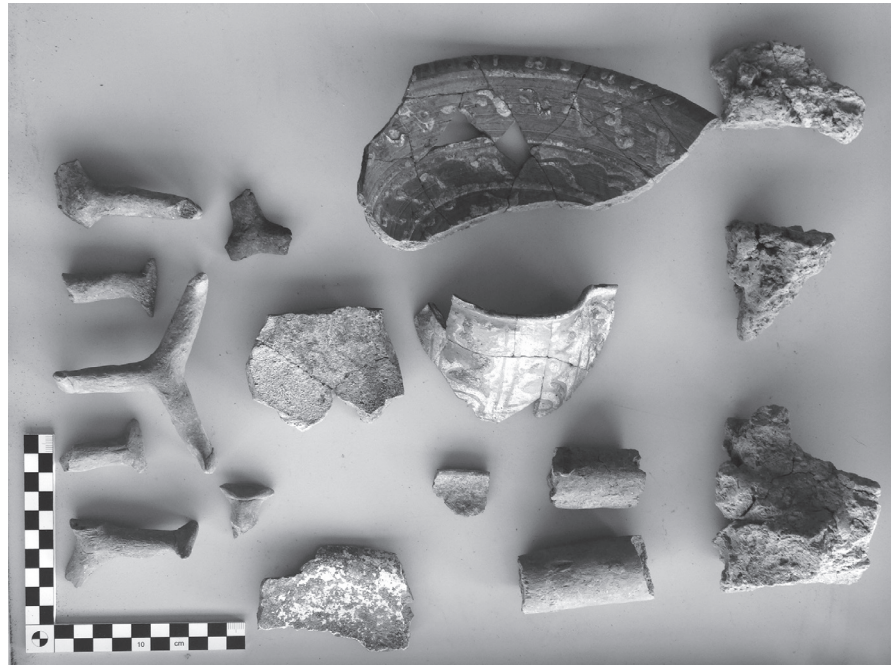


Figura 2: Restos de produção de olaria em Santarém: barras de forno, trempes, argila queimada e refugo de cerâmica de corda seca total.

No Largo do Chafariz de Dentro foi identificado um contexto detrítico que incorporava materiais de construção de um forno, nódulos de argila, fragmentos requeimados e não cozidos (Silva *et al* 2012). O contexto é atribuído ao século XII e interpretado como resultante da desactivação e/ou limpeza de um forno de olaria localizada nas proximidades (Silva 2008).

Os estudos arqueométricos complementaram a investigação arqueológica e permitiram alargar o espectro das produções oleiras islâmicas de Lisboa. Está assim confirmada arqueológica e arqueometricamente a produção em Lisboa de cerâmica comum (Bugalhão e Folgado 2001; Dias, Prudêncio e Gouveia 2001; Bugalhão, Gomes e Sousa 2004; Bugalhão, Sousa e Gomes 2004; Bugalhão *et al* 2008; Dias *et al* 2008; Dias *et al* 2009b); cerâmica decorada com caneluras, sulcos, incisões, digitações e aplicações plásticas (Bugalhão, Gomes e Sousa 2004; Bugalhão, Sousa e Gomes 2004), cerâmica pintada a branco (Bugalhão e Folgado 2001; Dias, Prudêncio e Gouveia 2001; Bugalhão, Gomes e Sousa 2004; Bugalhão, Sousa e Gomes 2004; Bugalhão *et al* 2008; Dias *et al* 2008; Dias *et al* 2009b). As produções de loiça comum, decorada e pintada a branco, foram documentadas num número alargado de tipos na cerâmica de uso doméstico, nas suas várias categorias funcionais, para além de peças utilitárias específicas como alcatruzes e pesos de rede. As olarias de Lisboa produziam também cerâmica vidrada monocro-

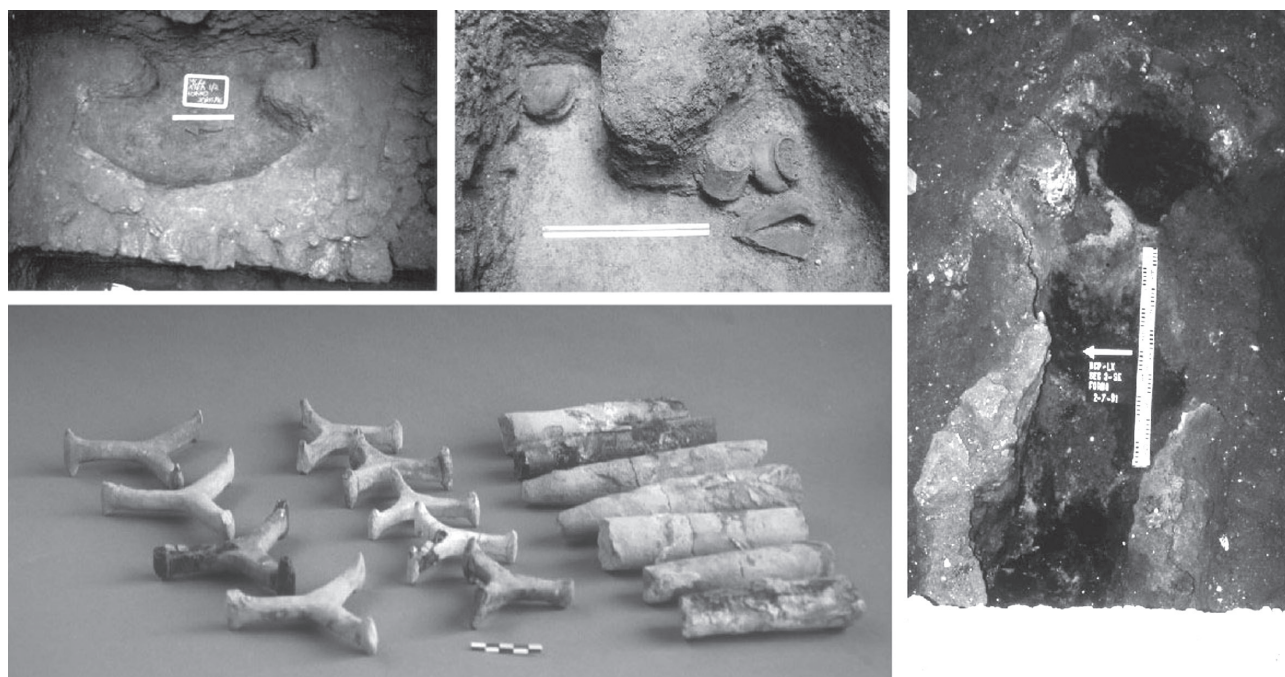


Figura 3: Lisboa. Forno de dupla câmara do “Mandarin Chinês” com restos da produção e cerâmica de olaria. À direita, forno escavado no NARC.

ma e bicroma melada, verde, branca, melada e manganés (Bugalhão e Folgado 2001; Dias, Prudêncio e Gouveia 2001; Bugalhão, Gomes e Sousa 2004; Bugalhão, Sousa e Gomes 2004; Bugalhão *et al* 2008; Dias *et al* 2008; Dias *et al* 2009b; Gomes *et al* 2009) e cerâmica estampilhada vidrada (Bugalhão, Sousa e Gomes 2004). A loiça vidrada era utilizada essencialmente para a produção de tigelas, mas também de testos, garrafas, candis e talvez cantis. A produção de cerâmica pintada a vermelho foi documentada arqueometricamente (Prudêncio e Gouveia 2001; Bugalhão *et al* 2008; Dias *et al* 2008; Dias *et al* 2009b), nos tipos tigela e jarrinha. Estudos arqueológicos e arqueométricos permitiram também concluir que em Lisboa se produziam bilhas, jarrinhas e tigelas em *corda seca parcial* (Bugalhão *et al* 2008; Dias *et al* 2008; Gomes *et al* 2009: 402; Fernandes *et al* 2015: 563-564), entre o século XI e a primeira metade do século XII, cujas pastas e vidrados revelam afinidade geoquímica com as produções locais (Déléry 2006; Fernandes *et al* 2015: 563-564).

No estado actual da investigação é possível também propor a produção de cerâmica em *corda seca total* em Lisboa, a partir da identificação de exemplares não correlacionáveis com as produções já conhecidas, nomeadamente tigelas (Gomes *et al* 2009: 401; Fernandes *et al* 2015: 660-561), entre os séculos XI e XII. É possível que esta produção se inscreva numa linha de continuidade tecnológica com as produções locais de cerâmica vidrada e de *corda seca parcial* iniciadas na fase taifa.

Nos contextos oleiros de Lisboa não foi detectada a produção de cerâmica *verde e manganés*, contudo, tem sido sugerida a possibilidade da existência de uma produção local ou regional, no século XI e na primeira metade do século XII (Dias *et al* 2008: 162; Gómez *et al* 2018: 25-26).

Os contextos oleiros islâmicos de Lisboa demonstram o carácter de grande centro produtor e distribuidor de olaria na região envolvente que a cidade dominava (Bugalhão *et al* 2008). A análise das produções sugere a existência de contactos entre oleiros de Lisboa e outras regiões do *al-Andalus*, ao nível da transmissão de ideias, técnicas e gostos.

MONTE DA RAMADA 1 – ERVIDEL (ALJUSTREL)

O forno do Monte da Ramada 1 foi intervencionado no âmbito do plano de minimização de impacto arqueológico do Bloco de Rega de Ervidel, subsidiário do projecto de Alqueva. Localiza-se na freguesia de Ervidel, concelho de Aljustrel. O sítio estava referenciado como *villa* romana com ocupações posteriores, alto-medievais/medievais e modernas.

O forno tinha um contorno circular, com a câmara de combustão e o corredor de acesso conservados parcialmente, quatro pilares de apoio da grelha não conservada e parte da parede da câmara de construção. Foi edificado com tijolos e fragmentos de outros materiais de construção reaproveitados de estruturas romanas, dispostos em aparelho espinhado (Fialho, Gómez e Pirata 2013: 895-899).

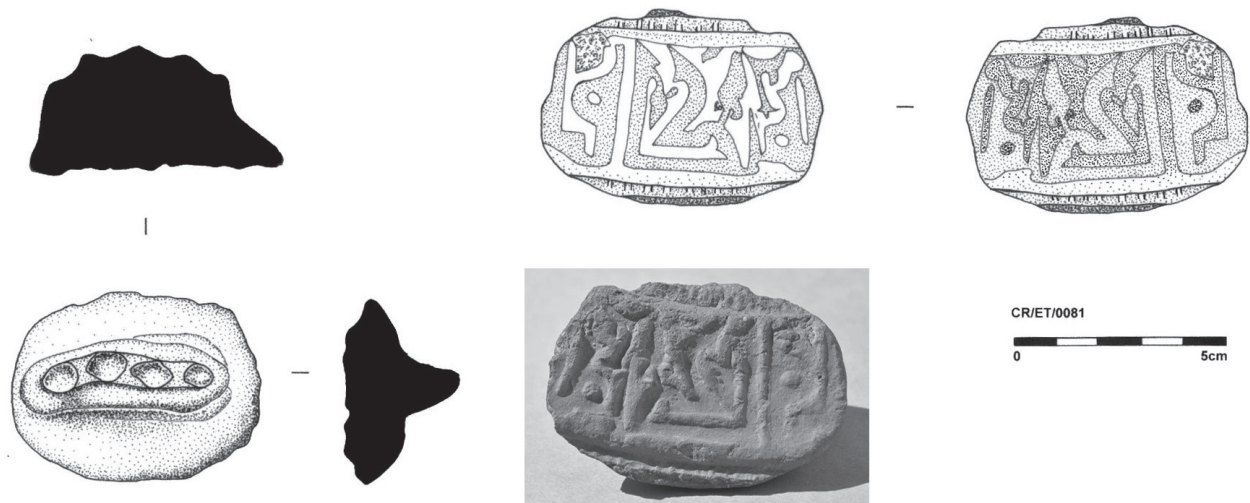


Figura 4: Mértola. Matriz com decoração epigráfica.

Não foi possível caracterizar convenientemente o tipo de peças que seria aqui produzido devido à escassez da amostra, da qual se destacam vários fragmentos de *tabaq* e parte de uma panela, cujo grau de fragmentação não permite a definição do perfil.

A produção deste forno foi datada entre os séculos VII e IX.

MÉRTOLA (Fig. 4)

Até a data, apenas foram encontrados em Mértola dois contextos dedicados à produção de cerâmica: um do final da época medieval e inícios da moderna, descoberto no espaço intramuros durante as escavações preventivas da Biblioteca Municipal (Palma e Gómez 2018); o segundo, de época islâmica, encontrado no arrabalde da cidade, na Rua 25 de Abril (Gómez 2014: 270-279). No segundo caso, trata-se de um forno de dupla câmara, do qual apenas restava parte do compartimento de combustão escavado numa lixeira romana e coberto por elementos resultantes da sua destruição. Aqui foram encontrados um alguidar trípode quase completo, vários fragmentos de cântaro e, em menor número, fragmentos de uma panela e um(a) jarra(o) que permitiram datar a sua utilização do período almóada. Nas camadas superiores foram encontrados vários fragmentos de tijolo completamente queimados e barro parcialmente vitrificado. Um destes fragmentos tinha a face alisada com um orifício semicilíndrico, correspondente à grelha que separava a câmara de combustão da câmara de cozedura, indício claro de se tratar de um forno de dupla câmara.

Noutro sector do Arrabalde de Mértola, perto do rio Guadiana, durante as obras de acondicionamento

dos passeios da rua, foi encontrado um conjunto de oito fragmentos de barras de forno (Gómez 2016), fabricadas com argilas avermelhadas, pouco depuradas e com abundantes elementos não plásticos grosseiros, apresentando uma delas um pingo de vidro verde. Por este achado podemos deduzir que o Arrabalde contaria com instalações artesanais de fabrico de cerâmica, que incluíam produções vidradas.

Por último, durante o acompanhamento das obras de recuperação da Casa do Lanternim, no centro da malha urbana de Mértola, foi encontrado um carimbo, ou matriz, no interior de um muro datado do século XVI. Era utilizado para estampar motivos ornamentais em talhas e, pela curvatura, percebe-se que era usado especificamente no ombro destes recipientes. Trata-se de um objecto fabricado em barro vermelho, aproximadamente lenticular, de 43 mm de largura por 58 mm de comprimento e 22 mm de altura, que possui numa das faces, ligeiramente côncava, um tema epigráfico cujo significado é de leitura duvidosa. Segundo Guillermo Rosselló-Bordoy: “*se identificam “una rā’, kāf y una posible terminación de femenino: tā’ marbūta. Cabe pensar en la palabra Baraka (?). El signo de tā’ marbūta antes de las letras bien identificadas podría ser debido a la superposición de otra estampilla similar al hacer la descrita.*” (Gómez 2014: 279-280).

CERCADO DAS OLIVEIRAS DO TESOURO (ALCOUTIM)

Neste sítio, perto do lugar de Pereiro, no concelho de Alcoutim, foi identificado o que resta de um forno de cerâmica de época islâmica. Estará associado a um povoado

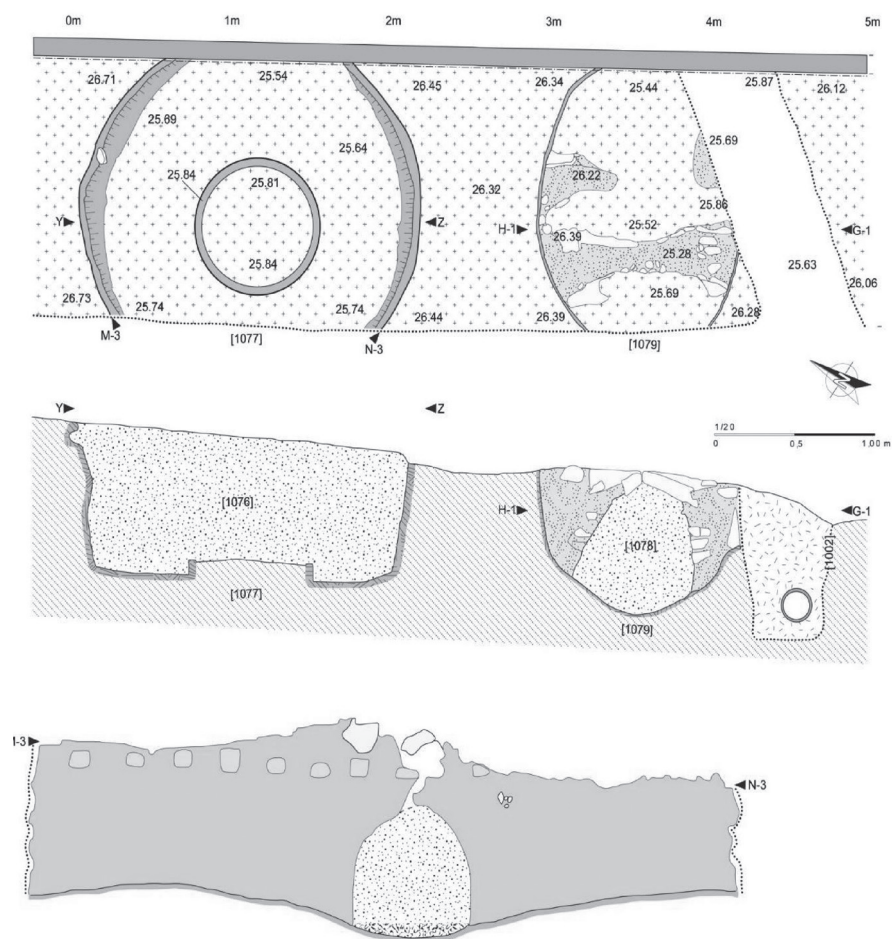


Figura 5: Silves. Fornos descobertos na Rua Nova da Boavista. Desenho de Nuno Santos e edição de Carlos Oliveira.

rural tipo alcaria, no qual foram identificados vestígios de estruturas e diversos materiais arqueológicos (Catarino 1997/98: 173).

O forno propriamente dito tem planta circular com cerca de 2m de diâmetro e o arranque das paredes em argila (queimada) com cerca de 14/15 cm de espessura. Por se tratar de um achado em prospecção, sem posterior intervenção arqueológica, não foi possível definir uma cronologia mais precisa ou os tipos de cerâmica aí produzidos.

CERRO DA VILA – VILAMOURA (LOULÉ)

No Cerro da Vila, em Vilamoura, concelho de Loulé, José Luís de Matos escavou um forno cerâmico, possivelmente anexo a um povoado rural (Matos 1991: 429-472). O sítio tem uma ocupação romana tardia, com subsequente ocupação islâmica, da qual se registam sete silos e a referida estrutura de produção cerâmica.

O forno conserva a câmara de combustão praticamente intacta e parte da grelha que a separava da câmara de cozadura. A câmara de combustão é de planta circu-

lar, foi implantada no substrato terciário e apresentava ainda dois arcos de sustentação da grelha sendo, portanto, um forno de dupla câmara.

Não obstante a grande diversidade de materiais cerâmicos presentes no Cerro da Vila, que o autor data entre os séculos IX e X, a maioria provém dos silos. Cerâmicas directamente relacionadas com o forno resumem-se a uma amostra bastante mais limitada, que inclui sobretudo formas fechadas (jarra, bilha, panela e púcaro) em cerâmica comum, pintada a branco e vidrada a melado.

A despeito da cronologia adoptada pelo autor, as peças produzidas neste forno parecem datar entre os séculos XI e XII, nomeadamente uma forma de púcaro de pequenas dimensões (Matos 1991: 441) presente nos fornos do “Mandarim Chinês”, em Lisboa, datada de meados do século XII (Bugalhão e Folgado 2001: 119).

SILVES (Fig. 5)

Em Silves, aquando de uma intervenção de emergência na Rua Nova da Boavista realizada por Nuno Santos, foi detectado um contexto oleiro com dois fornos. Verifica-se aqui a habitual localização extra-muros, numa zona que poderia constituir um dos arrabaldes da cidade. Ambos os fornos parecem ter laborado em simultâneo e apresentam a mesma tipologia, embora construídos de forma distinta. O forno de maiores dimensões, de planta circular, apresentava grande parte da câmara de combustão e vestígios de uma grelha feita com barras assentes num pilar central. O facto de utilizar barras na separação das câmaras não permite classificá-lo como um tradicional “forno de barras” porque estas criam uma grelha e, em rigor, trata-se de um forno de dupla câmara. O forno menor, de planta ovalada, também só conservava a câmara de combustão com dois arcos que suportavam a grelha, que não se conservou (Santos 2010).

Os recipientes fabricados nesta unidade são exclusivamente peças de perfil fechado (panela, púcaro, jarro(a), cântaro, bilha, alcatruz), de pastas claras, por vezes, de corpo canelado e alguns fragmentos pintados a vermelho a negro.

Não se regista a produção de peças vidradas e o período de actividade parece ter cessado entre os finais do século XI - princípio do século XII, A abasteceria principalmente os mercados locais e regionais.

CONCLUSÕES

Sublinhamos que a distribuição das olarias na geografia do Garb não é uniforme e decorre essencialmente das contingências de trabalhos arqueológicos preventivos, verificando-se uma concentração urbana sobretudo nos espaços que conformariam os arrabaldes das cidades.

Esta localização tinha a finalidade de deslocar para fora das muralhas as actividades industriais poluentes e facilitar o acesso às matérias-primas e ao combustível como se verifica em Lisboa, Mértola ou Silves.

Outra característica destas unidades oficinais é o período de laboração tardio, entre o final do século XI e inícios do século XIII, o que se coaduna com a sua localização periférica. Ocupando geralmente áreas de arrabalde, portanto de crescimento urbano mais recente, é natural que os fornos mais antigos venham a dar lugar a outros que se afastam do núcleo urbano inicial.

A falta de dados para as áreas rurais perturba a perspectiva que possamos ter sobre os tipos de produção, que parece reduzida a fabricos comuns, à excepção do forno do Cerro da Vila, onde se atesta uma peça com vidrado melado.

Em termos tecnológicos e formais, as peças produzidas no Garb não apresentam grandes diferenças em relação a fabricos do resto do al-Andalus para o mesmo período, sobretudo na área meridional. Não temos dados relativos aos períodos emiral ou califal, uma vez que a maioria dos fornos conhecidos são posteriores e o do Monte da Ramada 1 (emiral) tem uma produção muito restrita e difícil de caracterizar. Todavia, no final do período de taifas e nos períodos almorávida e almóada, as técnicas e os motivos decorativos não variam de forma substancial. A este propósito importa referir que a fragmentação territorial das taifas deve, em certa medida, ter estimulado as produções locais e, por outro lado, as políticas dos seus soberanos podem ter facilitado a troca de ideias, bens e informações.

As afinidades inter-regionais também são notórias, nomeadamente entre Santarém e Lisboa, do mesmo modo que também o poderiam ser entre Palmela e Lisboa, Santarém e Évora, Mértola e Beja ou Silves e Faro, que carecem

de estudos mais sistemáticos (sobretudo arqueométricos) e, obviamente, da confirmação da existência de fornos.

BIBLIOGRAFIA

- BELTRAME *et alii* 2019: "Islamic and post Islamic ceramics from the town of Santarém (Portugal): The continuity of ceramic technology in a transforming society". *Journal of Archaeological Science: Reports*, 23: 910-928.
- BUGALHÃO, J. 2009: "Lisboa Islâmica: uma realidade em construção". *Xelb*, 9 (Silves. Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia): 377-392.
- BUGALHÃO, J. e FOLGADO, D. 2001: "O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira". *Arqueologia Medieval*, 7. (Porto. Edições Afrontamento): 111-145.
- BUGALHÃO *et alii* 2004: "Vestígios de produção oleira islâmica no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa". *Arqueologia Medieval*, 8. (Porto. Edições Afrontamento): 129-191.
- BUGALHÃO *et alii* 2008: "Produção e consumo de cerâmica islâmica em Lisboa: conclusões de um projecto de investigação". *Arqueologia Medieval*, 10. (Porto. Edições Afrontamento): 113-134.
- BUGALHÃO *et alii* 2004: "Vestígios de produção oleira no Mandarim Chinês, Lisboa". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7:1 (Lisboa. Instituto Português de Arqueologia): 575-643.
- CATARINO, H. (1997/1998): "O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados". *al-'ulyā*, 6. 3 vols. (Loulé).
- DÉLÉRY, C. 2006: *Dynamiques économiques sociales et culturelles d'al-Andalus à partir d'une étude de la céramique de cuerda seca (seconde moitié du Xe siècle – première moitié du XIIIe siècle)*. Toulouse. [s.n.]. Tese de doutoramento apresentada à Université de Toulouse II. 7 vols.
- DIAS, M. I. *et al* 2008: "A produção de cerâmicas no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica. Primeiros resultados arqueométricos", em *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular. vol. XI – A ocupação islâmica da Península Ibérica. Promontoria Monográfica*, 11 (Faro. Universidade do Algarve): 157-167.
- DIAS, M. I. *et alii* 2009a: "Evolução das tecnologias de produção cerâmica dos séculos XI a XVI na cidade de Lisboa", em J. ZOZAYA *et al* (eds). *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo* (Ciudad Real. AEAM): Tomo I: 509-514.
- DIAS, M. I. *et alii* 2009b: "Tecnologias de produção de cerâmicas pintadas dos séculos XI a XII do Castelo de S. Jorge (Lisboa, Portugal)", em J. ZOZAYA *et alii* (eds.): *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo* (Ciudad Real. Asociación Española de Arqueología Medieval): Tomo II: 963-966.
- DIAS, M. I., PRUDÊNCIO, M.I. e GOUVEIA, M.A. 2001: "Arqueometria de cerâmicas islâmicas das regiões de Lisboa, Santarém e Alcácer do Sal (Portugal): caracterização química e mineralógica", em *Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular* (Lisboa. IPPAR. Junta de Extremadura): 257-281.
- FERNANDES *et alii* 2015: "O comércio da Corda Seca (Total e

- Parcial) no Gharb al-Ândalus”, em *X Congresso Internacional a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo* (Silves, Câmara Municipal): 649-666.
- FIALHO, L., GÓMEZ, C. e PIRATA, V. 2013: “Um forno alto-medieval na *villa* romana da Herdade do Pomar/ Monte da Ramada 1 (Ervidel)”, em *Arqueologia em Portugal – 150 Anos* (Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses): 895 – 899.
- GOMES, A. *et alii* 2009: “A cerâmica vidrada da Alcáçova do Castelo de S. Jorge”, em J. ZOZAYA *et alii* (eds). *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo* (Ciudad Real. AEAM): Tomo I: 399-404.
- GÓMEZ, S. 2014: *Cerâmica Islâmica de Mértola. Mértola*. Campo Arqueológico de Mértola.
- GÓMEZ, S. 2016: “El arrabal portuario de Mértola (Portugal): el registro cerámico andalusí”. *Onoba*, 4: 181-196.
- LIBERATO, M. 2011: *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PALMA, M. F. e GÓMEZ, S. 2018: “El horno de la Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) en la transición entre el mundo medieval y el moderno”, em F. YENİŞEHİRLİOĞLU, F., *XIth Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics Proceedings* (Antalya. Koc Universitesi Vekam): Vol. 1, 227-232.
- GÓMEZ, S. *et alii* 2018: “El Verde y Morado en el Extremo Occidental de Al-Andalus (Siglos X al XII)”, em *XIth Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics. Proceedings* (Antalya. Associatio Internationale pour l’Etude des Céramiques Médiévales et Modernes en Méditerranée/ Koç University, Vekam): Vol. 2, 21-30.
- GOMEZ-PACCARD, M. *et alii* 2014: “Full-vector archeomagnetic and rock-magnetic results from Portuguese kilns.” *Geophysical Research Abstracts*, 16. [Consult. 11 Feb. 2020]. https://www.researchgate.net/publication/281861860_Full_vector_archeomagnetic_and_rock-magnetic_results_from_Portuguese_kilns
- SANTOS, N. 2010: *Silves - RUCHUS – 2ª Fase - Relatório Final da intervenção arqueológica realizada na Rua Nova da Boavista* (documento policopiado).
- SILVA, RB. 2008: *O contexto [913] da i.a.u. do Largo do Chafariz de Dentro: um contributo para o conhecimento da actividade oleira na área de Alfama (Lisboa) durante o período islâmico*. Trabalho apresentado no Seminário de Arqueologia Medieval. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. [Consult: Mai. 2014] Disponível em: [http://www.museudacidade.pt/arqueologia/estonline/Publicacoes/O%20contexto%20913%20da%20IAU%20do%20Largo%20do%20Chafariz%20de%20Dentro%20\(Alfama\).pdf](http://www.museudacidade.pt/arqueologia/estonline/Publicacoes/O%20contexto%20913%20da%20IAU%20do%20Largo%20do%20Chafariz%20de%20Dentro%20(Alfama).pdf)
- SILVA *et alii* 2012: “Largo do Chafariz de Dentro: Alfama em época moderna” em A. E. TEIXEIRA e J. A. BETTENCOURT (eds.): *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arquearte, 1). (Lisboa. CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores): Vol. 1, 71- 84.